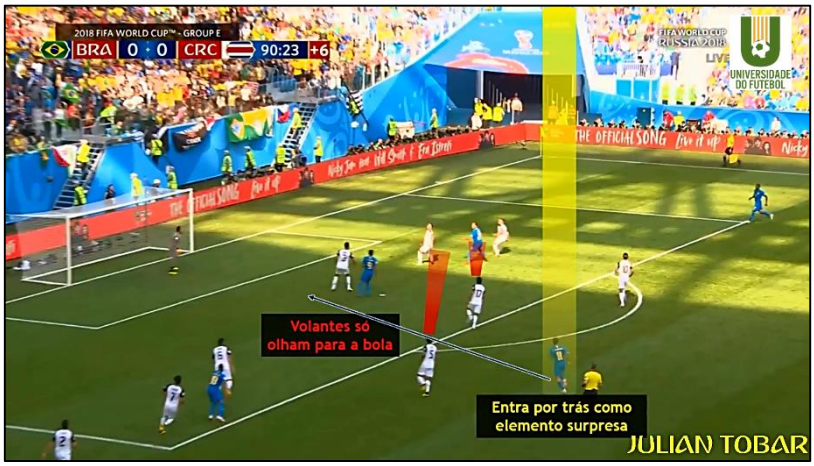
UNIVERSIDADE DO FUTEBOL

RELATÓRIO DE JOGO
BRASIL 2x0 COSTA RICA

Análise: Julian Tobar

UNIVERSIDADE DO FUTEBOL | Rua Capitão Cassiano Ricardo de Toledo, 191, 24o. andar |
Bairro Chácara Urbana, Jundiaí, SP | CEP 13.201-840



https://vimeo.com/276557942

Confira a análise dos gols da partida (o vídeo acima contém imagens da emissora FS e FIFA).

A seleção brasileira conseguiu impor o seu futebol, dominando a Costa Rica praticamente o jogo todo. Jogou bem e não deixou o rival jogar. Teve volume, criou muitas chances e concedeu raríssimas (Alisson ainda não fez nenhuma defesa difícil na competição).

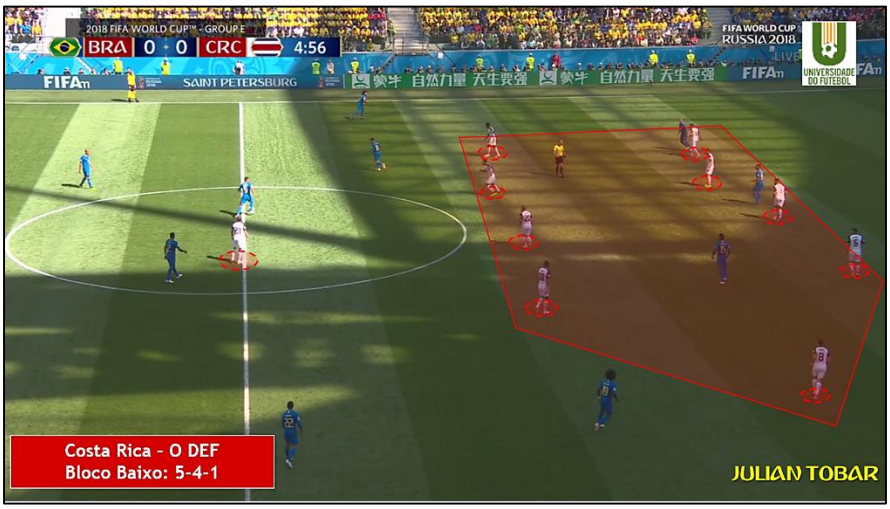
Como tem sido em quase todos os jogos das grandes seleções nesta Copa do Mundo, o jogo foi nervoso e dramático, gerando alto desgaste emocional. Os gols saíram após muita insistência e nos acréscimos do 2º tempo. Embora tenha feito por merecer abrir o placar muito antes, tamanho seu domínio em relação à Costa Rica, a seleção esbarrou numa grande atuação de Keylor Navas e na execução de um plano de jogo muito bem traçado pelo adversário.

Méritos para Oscar Ramirez que entendeu o funcionamento da equipe de Tite e soube neutralizar os pontos fortes do Brasil durante a maior parte do tempo.

Postura e Proposta da Costa Rica:

Diante de uma das melhores equipes do mundo, tanto coletiva como individualmente, a Costa Rica não quis se expor e jogou por uma bola (que teve e desperdiçou, logo aos 12 minutos).

Defendendo num bloco baixo muito compacto, em 5-4-1, deu campo e a bola para o Brasil. Com uma marcação zonal agressiva, sempre com superioridade numérica, coberturas e dobras de marcação, a seleção costarriquenha se aproveitou da pouca agressividade do Brasil em atacar espaços nas costas da sua última linha e acumulou jogadores de maneira muito organizada, negando os espaços à frente da área.



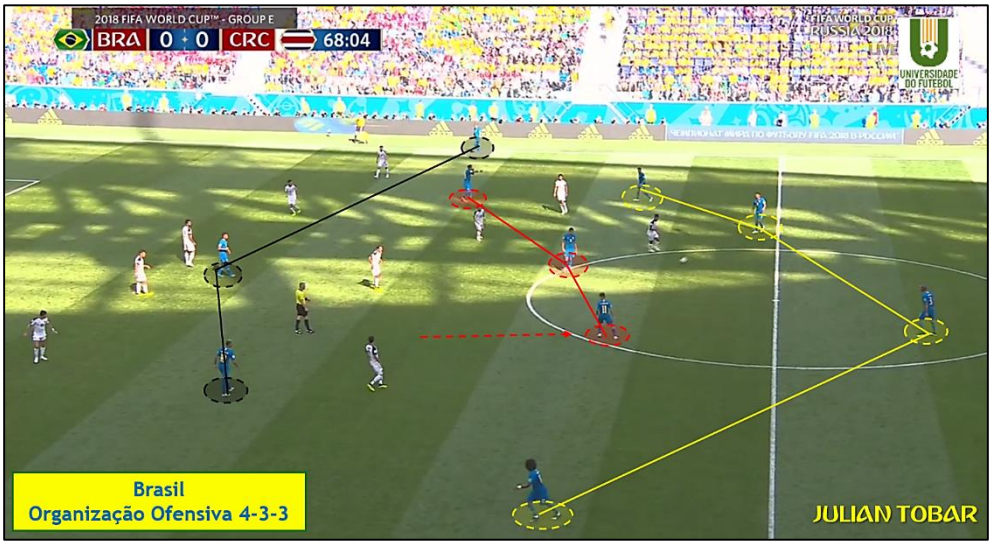
Com marcação dupla/tripla (dificultando os dribles), tirando o espaço entre-linhas e com a largura do campo protegida nas tentativas de troca de lado do Brasil, a Costa Riva teve certa facilidade em controlar as ações ofensivas do Brasil, que tinha a posse da bola e o domínio territorial, mas só ameaçava com real perigo em situações em que a Costa Rica se desequilibrava posicionalmente e isso raramente acontecia em defesa organizada.

Assim, as melhores chances do Brasil surgiram em momentos em que a Costa Rica saia para contra-atacar e o Brasil roubava a bola antes de que o contra-ataque efetivamente acontecesse, devido à uma forte pressão pós-perda. Desta maneira a Costa Rica ficava mais frágil, pois saindo de sua postura defensiva, se abria para lançar o contra-ataque. A perda da bola durante este processo, deixava espaços que o Brasil aproveitou para criar chances de gol, com mais tempo e espaço.

Neste jogo a bola parada não funcionou, sendo na minha opinião o maior ponto negativo da equipe, já que é uma excelente maneira de abrir o jogo e construir o resultado contra equipes muito fechadas.

Posse de bola, paciência e organização para furar a defesa da Costa Rica:

O cenário estava bem desenhado: O Brasil teria que martelar, ser paciente, ter qualidade e precisão se quisesse vencer o bloqueio defensivo da Costa Rica.



Ofensivamente, a seleção brasileira utilizou novamente o 4-3-3, com posições e funções bem definidas:

- Thiago Silva e Miranda primeiros a armarem o jogo com Casemiro auxiliando nesta saída de bola em segurança;

- Marcelo dando amplitude, opção de fundo com ultrapassagem e de triangulações curtas com Coutinho e Neymar;

- Fágner como “lateral-construtor”, atuando por dentro, como passador e raramente ultrapassando pelo lado (em função do posicionamento do extremo direito que ficava aberto ocupando a linha lateral);

- Coutinho alternando entre posicionamento entre-linhas, aproximações da defesa para armar o jogo (mecanismo apresentado contra a Suíça se repetiu) e, eventualmente movimentando para romper a última linha;

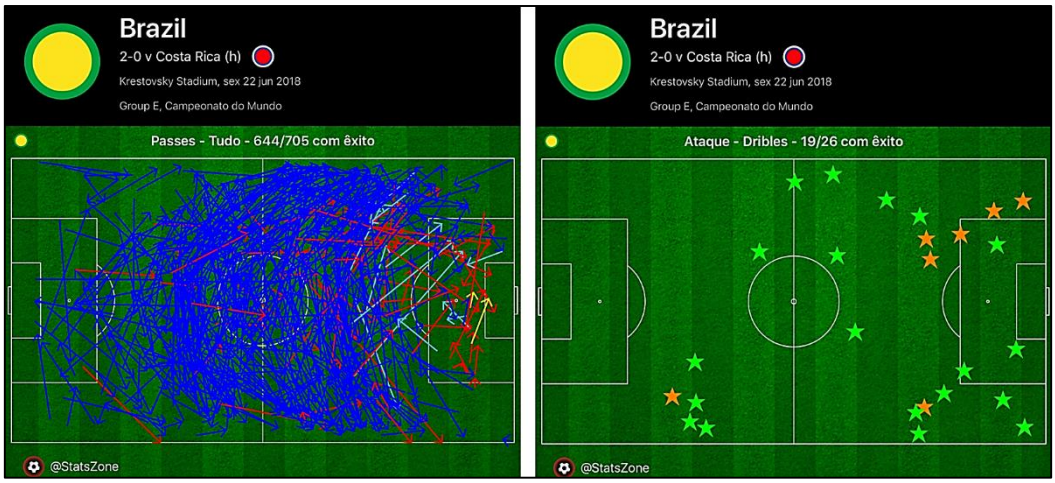
- Paulinho/Firmino na posição de meia ocupando o espaço entre-linhas da Costa Rica. Cada um com sua característica, gerando possibilidades diferentes para a seleção;

- Neymar com ampla liberdade, podendo ficar aberto, flutuar por dentro no espaço entre-linhas, buscar próximo da defesa para armar o jogo, e esticar o campo, com aceleração para frente para romper a linha adversária e receber no ponto futuro, algo que fez poucas vezes, preferindo na maioria das vezes buscar a bola no pé.

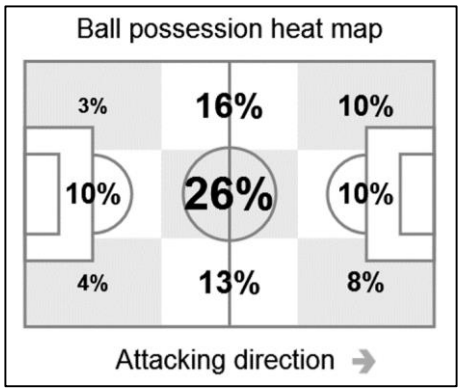
- Douglas Costa/Willian responsáveis pela amplitude do lado direito e ações de 1x1 após troca de lado;

- Gabriel Jesus prendendo os zagueiros, dando opção de fundo com “facão”, presença de área e mobilidade.

Contrariamente ao que foi o jogo contra a Suíça, em que o lado esquerdo prevaleceu e muito sobre o direito, neste jogo as ações foram mais equilibradas, com o Brasil variando o lado de ataque e utilizando o corredor central mais vezes, o que facilitou a manutenção da posse, gerando poucas perdas de bola e, consequentemente, pouca criação ofensiva da Costa Rica.



Equilíbrio e variações nas jogadas de ataque pode ser demonstrado pelas duas imagens acima. À esquerda todos os passes dados durante o jogo. O gráfico mostra claramente que houve equilíbrio na distribuição de passes entre corredores laterais e central. À direita os dribles também estão distribuídos de maneira parecida entre lado direito e esquerdo, mostrando evolução em relação ao jogo contra a Suíça. Fonte: Opta / Stats Zone.



O mapa de calor da posse de bola é outro parâmetro que demonstra o equilíbrio e variações das jogadas de ataque, especialmente no último terço. Fonte: FIFA.

A ideia se baseou em manter a posição, ocupar o espaço entre-linhas, oferecer linhas de passe, dominar e passar a bola no menor tempo possível para tentar abrir espaço, algo que o Brasil conseguiu fazer com excelência, principalmente no 2º tempo. Estes são aspectos que sem dúvida ajudam a furar um bloco baixo, especialmente se há movimentos de ruptura ("facão" - para dentro e para fora) dos jogadores sem bola, para mexer ainda mais na defesa e criar espaço, coisa que o Brasil fez pouco, favorecendo o controle defensivo costarriquenho sobre o ataque brasileiro.

Pedir a bola no pé em excesso causou dificuldades em furar a defesa:

Com frequência, tanto Douglas Costa, Willian e principalmente Neymar pediram a bola no pé, várias vezes marcados e de costas para o gol. Esse fato, aliado à praticamente nenhuma ação de ultrapassagem de Fagner pelo lado direito e a pouca infiltração de Paulinho, fizeram com que o Brasil tivesse em boa parte do jogo um ataque posicional estático.

Eis alguns aspectos que, no meu modo de ver, prejudicam a equipe quando o atacante quer receber com frequência a bola no pé e não se projeta tanto para receber no espaço:

- O ataque fica mais previsível;

- Ao receber, o jogador será, via de regra, imediatamente marcado. Assim, terá que driblar para superar a linha de marcação. Se recebe de costas, ainda, corre-se o risco de perder a bola;

- Movimentos, acelerações mexem com a defesa, podendo desposicioná-la e assim abrir brechas para que outros companheiros entrem no espaço criado, ou mesmo quem tem a bola possa tirar vantagem da desorganização causada na defesa por uma movimentação. Por isso, atacar estaticamente, "cada um na sua posição", sem haver movimentos de ruptura ("facão", ultrapassagem) acaba facilitando a organização e o posicionamento da defesa sobre o ataque.

https://vimeo.com/276683472
(O vídeo acima contém imagens da emissora FS e FIFA).

Em alguns lances, houveram movimentos de ruptura que trouxeram benefícios à seleção:

https://vimeo.com/276669197

Se o jogador conseguir receber a bola no espaço atrás da linha defensiva, teoricamente já terá superado todos os defensores e só terá o goleiro pela frente. Além disso, em caso de receber pelo lado do campo, facilita as ações de cruzamento, porque pega a defesa correndo de frente para o próprio gol (podendo marcar gol contra, ceder escanteio, etc.), o que facilita o ataque, que pega a bola de frente e em progressão. O Liverpool, por exemplo, foi a equipe que mais marcou gols na Champions League, sempre que possível jogando a bola nas costas da defesa adversária, com Salah, Mané e por vezes Firmino rompendo a linha adversária com movimentação (o vídeo acima contém imagens da emissora FS e FIFA).

A variação entre pedir no pé e pedir no espaço pode ser um ponto a ser estimulado para os próximos jogos, dando equilíbrio nas ações, aumentando a imprevisibilidade e as possibilidades de ataque.

Importância do "Perde-Pressiona" e do equilíbrio defensivo no processo ofensivo brasileiro:

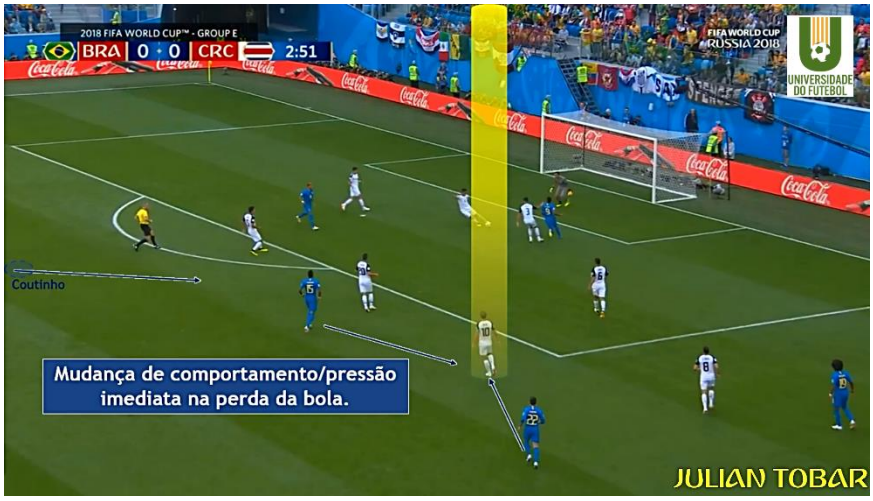
Outro aspecto, além da posse de bola em si, que ajudou o Brasil a dominar completamente o adversário e a ter muito volume de jogo, foram algumas preocupações defensivas ainda com a posse da bola.

Ao ter paciência e qualidade para trocar os passes, o Brasil deu o tempo necessário para ocupar os espaços e se organizar dentro do campo adversário, se posicionando de maneira a neutralizar qualquer tentativa de contra-ataque e seguir atacando.

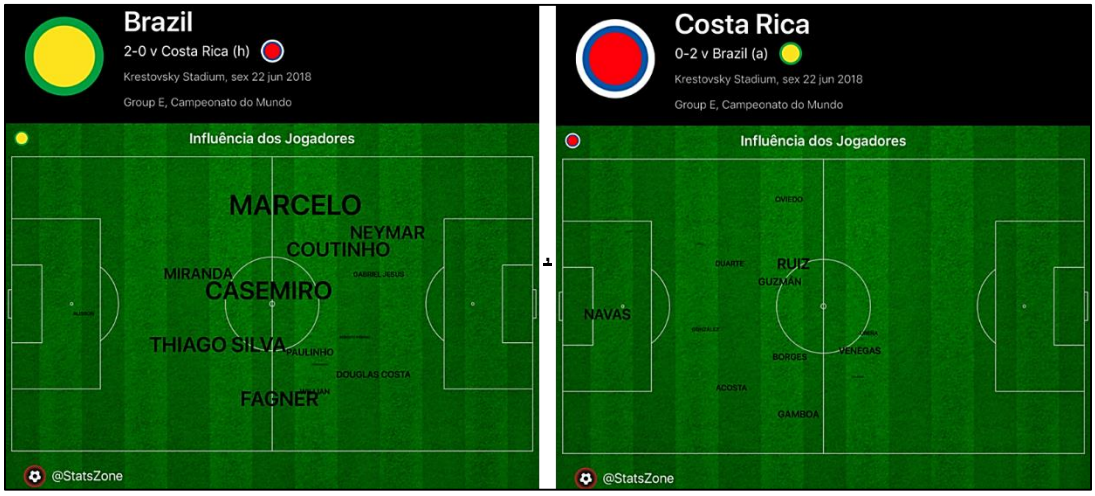
Thiago Silva e Miranda foram os responsáveis por vigiar o único jogador capaz de ligar o contra-ataque rápido (Ureña e depois Venegas). Com o centroavante devidamente controlado, e Casemiro, junto com Fágner posicionados à frente da zaga o Brasil não sofreu riscos, especialmente no 2º tempo.

https://vimeo.com/276625527
(O vídeo acima contém imagens da emissora FS e FIFA).

Outro aspecto de fundamental importância, foi o já citado “perde-pressiona”, que evitou contra-ataques, ajudou a continuar atacando e, ainda, criou chances de gol.



https://vimeo.com/276631715
(O vídeo acima contém imagens da emissora FS e FIFA).

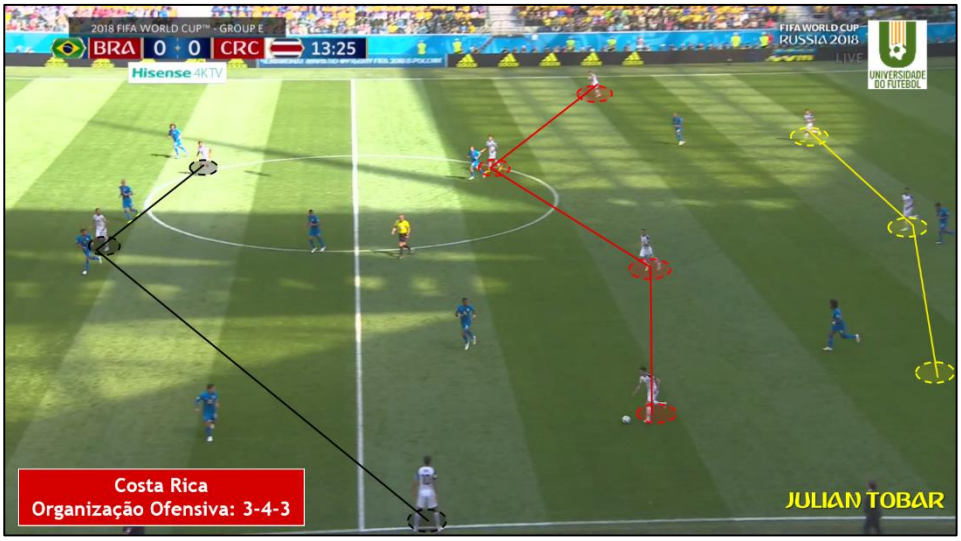


Ofensivamente houve um domínio absoluto do Brasil, como mostra o gráfico de influência dos jogadores de ambas as equipes. Fonte: Opta / Stats Zone.

Organização Defensiva do Brasil:

Houveram pouquíssimos eventos de organização defensiva porque o Brasil defendeu tendo a posse de bola. Quando esteve sem a bola, marcou em bloco alto sempre que possível, sofrendo poucos sustos.

As raras presenças ofensivas do adversário ocorreram pelo lado esquerdo, com o Brasil em bloco médio, quando Marcelo saia da linha de 4 e pressionava adiante, mas nada que gerasse grande perigo, exceto aos 12 minutos quando Casemiro teve que sair do meio para cobri-lo pelo lado esquerdo, desprotegendo a entrada da área. Local exato que a Costa Rica cruzou a bola para Borges finalizar para fora.



Um dos poucos momentos em que a Costa Rica atacou o Brasil em organização ofensiva. Estruturado no 3-4-3, os laterais se transformam em alas e os extremos trabalham por dentro.

Substituições:

Tite mexeu bem. Suas trocas deram certo e surtiram efeito imediato na equipe.

Primeiro tirou Willian, que não estava no seu melhor dia e colocou Douglas Costa, que esteve muito bem. Jogador teve vitória pessoal e mostrou personalidade, 1x1 ofensivo e causou problemas para a defesa adversária. Deu a assistência do 2º gol para Neymar e melhorou a produção ofensiva pelo lado direito.

Depois, tirou Paulinho que não estava tendo exigência defensiva e, não é o melhor jogador disponível para o tipo de jogo que se desenhou. Assim, Firmino ocupou sua posição, mas trouxe características diferentes, como mais presença de área, além de preocupar a defesa adversária muito mais do que Paulinho.

Por fim, visando assegurar o resultado e reforçar a capacidade defensiva, colocou Fernandinho no lugar de Jesus logo após o primeiro gol. Uma alteração, que em minha opinião mostra quão bom Tite é. Alta capacidade de concentração, leitura e ação rápida, num contexto de grande emoção e pressão.